

A difícil
saga do
Nordeste

(Página 9)

II-ED. BIBLIOTECA CENTRAL

Campus

Jornal do Departamento de
Comunicação da UnB

Nº 51 Segunda
Quinzena Junho 83

378.4(817.4)(05)
102 611-29

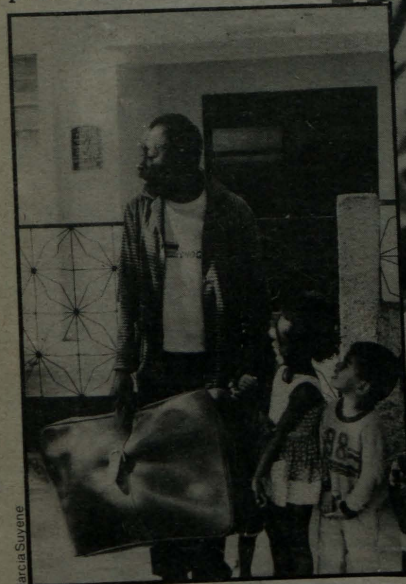
Com a
palavra os
Ceolinos

(Páginas 6 e 7)

Migrantes, os mártires da economia

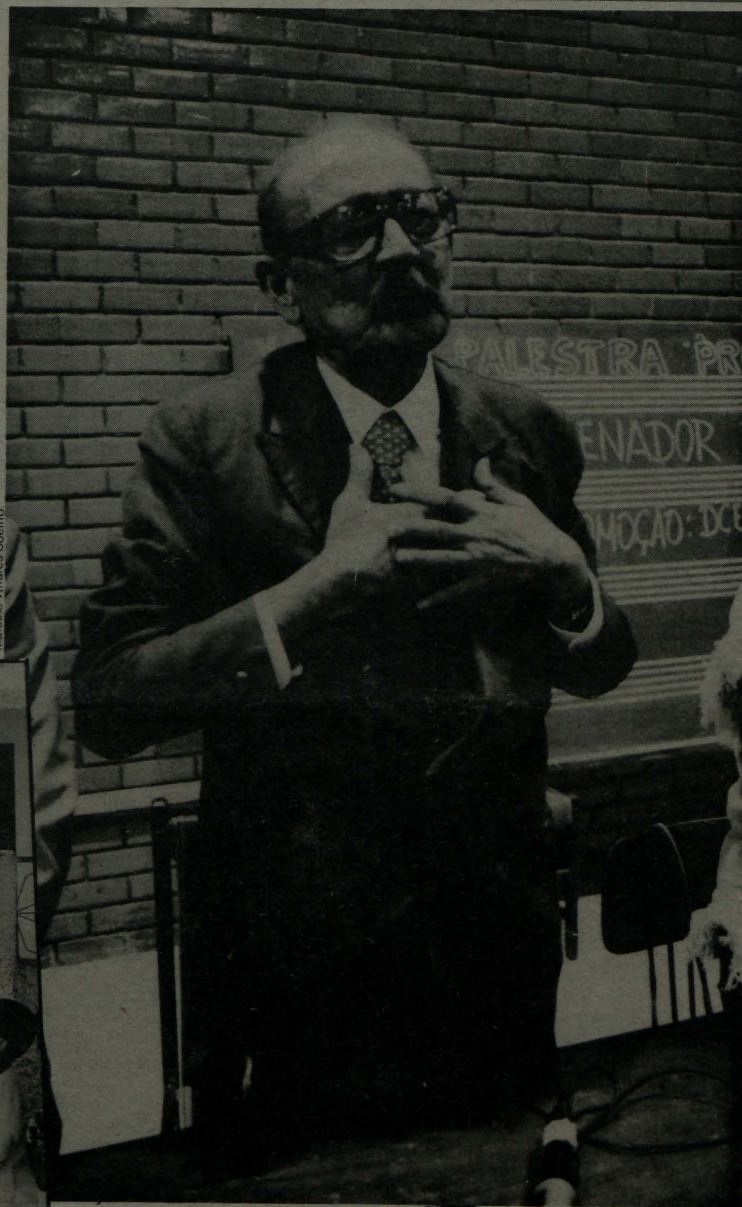
Expulsos da sua terra,
em geral do Nordeste, eles
são os maiores mártires da
difícil situação econômica
vivida pelo país.

Leia na página 5 um
pouco da história desses
brasileiros abandonados
pela sorte.



Marcia Suyane

Marcelo Villares Coelho



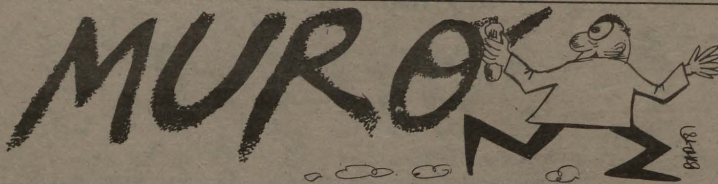
“ Eu elaborei,
juntamente com uma
equipe de amigos,
depois desta situação
inacreditável em
que nos encontramos,
um projeto chamado
Emergência ”

“ Não é possível
que a gente tenha
que entregar o Brasil
de mãos beijadas,
sem o mínimo de
reação, aos
norte-americanos ”

“ Meus amigos,
só há uma solução
para o problema
econômico brasileiro
insolúvel.
Chama-se moratória ”

TEOTÔNIO NA UnB

(Página 3)



Da minha boca não sai nada

Já imaginou o Reitor Azevedo andando num ônibus da Viplan ou enfrentando uma fila de oito meses para fazer tratamento de dente gratuito com os dentistas da ASFUB? E, mas ele tem todo direito a esses benefícios porque, além de sócio, é também o presidente de honra da Associação. E ninguém consegue falar mal da

... e choro...
**PASTÉIS DE TODOS OS
CAMPUS GOSTOS
anand rao**

Comunicação
ir em ação
comuna

e o sulco
das pedras
Ibrahim Sued
e os ditadores
editores
continuam a latir
cães sem ossos
ossificam a nós
cães

e todos ditam
comunicação
com munir ação

Embaixada síria escreve ao Campus

A propósito de reportagem publicada na última edição do Campus, recebemos a seguinte carta da Embaixada da Síria:

"Li cuidadosamente o artigo escrito pelo Senhor Jânio Carlos Nazareth, publicado no jornal Campus nº 50, da primeira quinzena de junho de 83, referente a entrevista que lhe concedi em 24 de Maio próximo passado, onde expus a

posição de meu governo em relação à situação de nossa região.

Infelizmente o artigo escrito pelo Sr. Nazareth é uma completa distorção (sic) com claro propósito malicioso.

Como a questão é muito delicada espero que a minha carta seja publicada na íntegra e em lugar de destaque na próxima edição do jornal.

Aceite meus protestos de mais alta estima e consideração.

Atenciosamente, Clóvis Khoury, Primeiro Secretário, Embaixada da Síria.

NR: O respeito às fontes e o cuidado extremo no tratamento da informação são preocupações constantes na redação do Campus. A vaga insinuação de "completa distorção (sic) com claro propósito malicioso" feita pelo Primeiro Secretário é, portanto, por nós veementemente rejeitada. Ainda que inexperiente, como inexperientes devem ser todos os repórteres de um jornal-laboratório, o colega Jânio Carlos Nazareth em momento algum teve a intenção ora lhe atribuída pelo signatário da carta acima. Sua única intenção foi — e será sempre — contribuir para a edição do melhor jornal possível.

Albergue: ficção e realidade

Na recente visita à editoria de Comunidade, ao Albergue do Centro Espírita São Sebastião, no Núcleo Bandeirante, pudemos observar casos que seriam pitorescos, não fosse dramática a situação em que se encontram os migrantes albergados. Talvez pensando em contribuir para o melhor trabalho de nossa fotografia, um dos albergados ensaiou a saída triunfal pela porta principal, no estilo quem sabe dos filmes assistidos nos precários cinemas de sua Paraíba. Só que a cena não tinha o desejado glamour. A realidade era muito crua: os passos cambaleantes, as roupas maltrapilhas não encontravam o estado de miséria e abandono a que os migrantes estão relegados. (Eugênia Maria Campus)

Saída é expurgo dos ministros

A situação econômica é desesperadora. Sufocante. O gordo minis-

CACEX. Ou seja, desmontar o "esquema Delfim". Em seguida, convocar as lideranças políticas e sindicais para encontrar as saídas para a crise. Do contrário, estaremos fritos. Quer dizer, fritos já estamos, Estaremos esturricados. (Nelson Luiz, Campus)



ESPAÇO

Ano da Comunicação

Eugênia Maria *

graves problemas, os meios de Comunicação de massa persistam no seu caráter de dissonância e alheamento em relação a esta realidade. É inaceitável uma imprensa voltada para a parcialidade dos fatos e comprometida com interesses estranhos ao bem-informar. Uma televisão que sufoca as manifestações regionais em função de uma pretensa cultura única. Um rádio transformando problemas sociais em manchetes grotescas. E um cinema eclético para as elites e nivelado por baixo para as massas. As exceções existem. Mas a maioria não foge a este quadro.

A reestruturação para que a Comunicação seja, verdadeiramente democrática deverá ser o resultado de um esforço de todos. Pois por ser um processo dinâmico, ela requer resposta do público a que se destina. Enquanto estudantes e futuros jornalistas,

tas, cineastas, radialistas, publicitários e relações públicas, não podemos ficar insensíveis ao questionamento. Aproveitar para que o Ano Internacional da Comunicação não seja apenas mais uma data no calendário da UNESCO. Pois não é apenas, sabendo que a dominação cultural é latente, ou aprendendo a detectar a manipulação nos meios que nos formaremos em Comunicação.

Estudar Comunicação, ou simplesmente estudar é, como diz Paulo Freire, uma atitude frente ao mundo. Deverá haver uma eterna inquietação, uma predisposição à busca, que nos levará a adquirir uma postura crítica. Requisito essencial para se agir e participar.

Atualmente já existem esforços concretos neste sentido. Pequenos há de se reconhecer. O que se deve mais ao isolamento das propostas

do que à força das idéias. A própria Igreja é um exemplo. Ela mantém toda uma estrutura de comunicação de massa voltada para a valorização do homem, que enquanto ser político necessita de uma voz para influir nos destinos da sociedade, na qual convive. Seria um bom aprendizado começar a ter o jornal O São Paulo como parte de nossa bibliografia.

Através do monopólio, os governos estaduais exercem controle sobre um número apreciável de veículos de comunicação de massa. Se os estudantes de Comunicação juntamente com as entidades de classe, os sindicatos, por exemplo, passassem a influir na programação destes veículos, já seria um primeiro passo para a democratização da Comunicação no Brasil. O importante é debater o assunto para que surjam novas idéias. E nós que falamos, ouvimos e vivemos dentro de uma Universidade, não devemos ter outro objetivo, a não ser o de mudanças sociais.

Eugênia Maria é editora de Comunidade do Campus

Campus

Editor-Chefe: Prof. Murilo Cesar Ramos.
Chefe de Reportagem: Prof. Carlos Augusto Setti.
Editoria de Fotografia: Profª Luiza Venturéli.
Editores: Nelson Luiz (UnB), Eugênia Maria (Comunidade), James Gama (Nacional), James Allen (Internacional e Ciência), Maria Luiza (Cultura), Sandra Tibana (Fotografia).

Redação: Cristina Gutemberg, Humberto Martins, Idelson Alan, Ieda Prestes, Ilara Viotti, Jânio Carlos, Luciene Rosa de Assis, Luiz Roberto Nader, Luiza Modesto, Marcelo Vieira, Marcelo Villares Coelho, Márcia Suyene, Paulenir Constâncio, Pedro Sérgio Coe, Rosalina Machado, Sandra Fernandes, Sheila Perru, William Santiago.

Diagramação: Ailton Maia/JBr. Supervisão: Prof. Milton Ribeiro.

Redação: Departamento de Comunicação/Universidade de Brasília — UnB 70910 — Brasília, DF. Telefone: 272-0000/Ramal: 2463.

Teotônio na UnB

Estudantes já conhecem o Projeto Emergência

Uma platéia atenta e
empolgada ouviu a mensagem
de Teotônio Vilela.
Reportagem de Paulenir Constâncio.

Diante de um anfiteatro lotado e muito atento, o ex-senador Teotônio Vilela falou de seu projeto Emergência. Num clima marcado pelo bom humor e toques de ironia, ele expôs seu ponto de vista sobre a situação geral do país, mostrando um tal vigor, que fica difícil imaginar tanta vitalidade numa pessoa condenada pelo câncer. A coerência e a maneira direta de abordar os assuntos nacionais, inclusive os mais delicados, foram a tônica da exposição de Teotônio. Sem as meias palavras que caracterizavam de certa forma o discurso político, ele deu seu recado durante duas horas para uma platéia de quase 500 pessoas. Abaixo, os trechos principais da fala de Teotônio na UnB:

"A maior pressão que estamos sofrendo agora, é sobre este lar, esta pátria os nossos credores internacionais já não têm a menor consideração pelo povo brasileiro, já não têm a menor consideração pelo governo brasileiro, já não têm a menor consideração pela pátria brasileira. Então se dão ao luxo de se deixarem fotografar para todos os jornais do Brasil a fim de que todo o Brasil saiba que é aquela comissão, aquele grupo do Fundo Monetário Internacional que hoje está mandando no Brasil. Meus caros jovens, (pausa) eu posso afirmar a vocês que há uma comunidade nacional, que há uma pátria, posso afirmar a vocês porque sou um permanente andarilho. Fiz da minha vida uma permanente caminhada, por todos os estados, por todos os municípios por onde eu tenha condições de me locomover... — tenho ouvido de Norte Sul uma só expressão: "Vamos salvar a pátria Brasileira". Não é possível que a gente tenha que entregar o Brasil de mãos beijadas, sem o mínimo de reação, aos norte-americanos..." (aplausos)

"Hoje o governo dos Estados Unidos promove uma reunião do FMI no Distrito Federal para tratar da dívida externa, cometendo um atentado à soberania brasileira, e não vejo nenhuma reação para defender a nossa dignidade nacional. Está na hora de defendê-la."

PROJETO EMERGÊNCIA

"Eu elaborei juntamente com uma equipe de amigos, depois desta situação inacreditável em que nos encontramos, um projeto chamado Emergência, que trata de resolver as quatro grandes dívidas brasileiras: a dívida interna, a dívida externa, a dívida social e a dívida política. Estamos sendo devorados por estas quatro dívidas, e se nós não resolvermos, qualquer uma delas ou todas elas, seremos derubados por qualquer uma delas."

"A dívida externa é hoje um problema prioritário no Brasil. Há anos não significava nada (ainda me recordo quando o Brasil devia 1 bilhão e oitocentos milhões, que a gente podia pagar até vendendo pipoca). Ninguém dava a menor importância ao problema da dívida externa, pois ele ia e vinha e estava fora de nossas cogitações, de nossas preocupações maiores. Mas na medida em que a incompetência, na medida em que a falta de visão da realidade brasileira, na medida em que o governo brasileiro resolveu enlouquecer, a dívida externa subiu para 100 bilhões de dólares. E ninguém sabe o como aconteceu. Foi como roubo de cofre feito de madrugada, 100 bilhões de dólares é uma montanha de dinheiro... E não temos condições de produzir para pagar a dívida. Todos os estudos já foram feitos... não há solução econômica para a dívida externa. Se

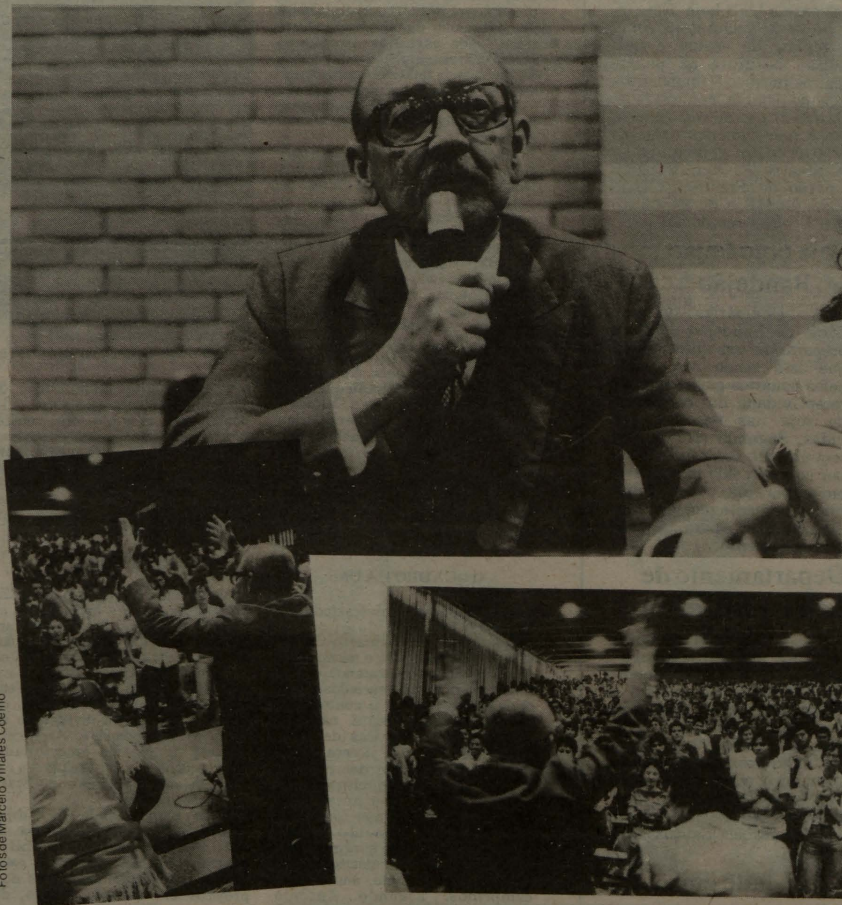


Foto de Marcelo Villares Coelho

não há solução temos que tomar uma medida política: É a medida política para a dívida externa que não podemos pagar chama-se moratória" (aplausos)

"Os doutores da economia passaram a espalhar que a moratória ia causar um pandemônio no Brasil... que isso é negócio de quem não tem cabeça, de quem quer tumultuar, quer dizer eu sou um tumultuador (rindo)... dizem que a moratória vai paralisar o Brasil, o povo vai morrer de fome... Veio um doutor americano, diretor de um banco, (e este ocupou todas as primeiras páginas dos jornais, uma coisa linda). Moratória é coisa de louco, de louco, ou então de quem é adepto de Fidel Castro. Quer dizer, sou louco, sou adepto de Fidel Castro, sou maluco, sou idiota e não sei como vocês me recebem aqui (risos)... Meus amigos, só há uma solução para o problema econômico brasileiro insolúvel, chama-se Moratória... a aplicação da medida política que é a moratória."

EMBARAÇO

"...E as propostas econômicas dos economistas mais renomados criaram um certo embaraço no país. Eles não aceitam bem a moratória pois ela é uma interferência da política na economia... pois acham que ela é quem dita a política e não a política quem dita a economia; por isso eles não aceitam esta subordinação. Estou fazendo esta apreciação sem nenhuma crítica aos

economistas... Então temos que propor a moratória. A moratória significa a suspensão imediata de todos os pagamentos devidos a qualquer credor, juros e parcela do principal, mas reconhece um período que pode ser de 3 de 4 ou de 5 anos para reinício do pagamento. Depois evidentemente deve ser feita uma sindicância, uma auditoria completa sobre estas transações da dívida externa... Precisamos saber na verdade o que foi tomado a rigor, que entrou no Brasil e aquilo que foi tomado para certas pessoas que não têm nenhum escrúpulo em pegar o dinheiro do povo. A moratória é a suspensão da dívida... Com a moratória nós rompemos com o sistema financeiro internacional.

"...Se o povo quer, e o povo é o poder, nós podemos romper com o sistema financeiro... Vou contando as histórias que o meu país está sofrendo, para ver se os meus companheiros, os meus irmãos... se decidam a libertar o Brasil das unhas desta trilha maldita chamada Delfim, Langoni e Ernani Galvães... O nosso presidente, coitado, está no vazio, está no limbo. Acho que ele não soube nem, ontem da reunião do Fundo Monetário, quanto os jornais todinhos estamparam na primeira página (risos). A minha impressão é de que ele hoje é um refém, está fazendo o que o grupo quer, que é o grupo internacionalizante chefiado pelo Delfim, e ele simplesmente cumpre aquilo. Outro dia ele apareceu na televisão, passou cinco

minutos apenas, semana passada. Eu tive uma tristeza profunda quando olhei pra fisionomia dele, profunda, profunda mesmo! Ele parecia um homem tranquilamente transtornado quer dizer assumido na sua condição de pessoa que não pode (risos) nem ir pra ali, nem acolá, atucanado a toda hora pelo seu Delfim Neto pra ele telefonar pro Reagan, para ele solucionar nossa dívida externa. (risos) Mas a moratória é a única solução, mesmo porque a dívida externa é um problema de política, não é um problema só de economia. É um problema de política porque está envolvendo a soberania nacional, tá envolvendo o a sucessão presidencial e vai envolver tudo daqui por diante, envolve o desemprego. Porque na medida em que ela se avoluma aumenta a recessão dentro do país... A moratória é um ato de soberania nacional..."

SOBERANIA

"Diante desta situação, meus caros jovens, não há o que titubear, há que enfrentar, pedir a moratória. A moratória é um ato de soberania Nacional. Romper com o sistema financeiro, romper com as nossas dívidas embora reconhecendo-as e vamos criar um mundo interno, o nosso mundo aqui dentro... Vamos dar valor ao nosso cruzeiro e abrir as nossas fronteiras econômicas internas para uma exploração intensa para dar emprego e dar salário. E eu posso afirmar a vocês, velho es-

tudioso que sou, pelos levantamentos realizados, o Brasil é um país auto-sustentável, não pra ter um crescimento de 8%, 9%, 10% ou 11%, mas para regularizarmos a nossa situação com um crescimento de 12 de 13%. O país garante salário, garante emprego, nos libertamos das multinacionais porque vamos soltar a criatividade nacional no campo, nas indústrias, no comércio e por toda parte... Dentro de dois anos este país muda de fisionomia. Agora, preso às multinacionais, preso aos banqueiros internacionais, preso ao tesouro dos Estados Unidos, não, não, não, não, porque já estamos descambiando para acontecer o que poderão nos levar para uma situação cada vez pior."

"Os Estados Unidos estão isolando o Brasil dos seus verdadeiros companheiros de luta que são os países do Terceiro Mundo. São países do futuro. Se nos reunirmos todos passarmos a discutir os problemas com lealdade. Toda esta situação nos podemos eliminar com a proclamação da moratória. A moratória é portanto a solução para a dívida externa."

"A dívida interna é outro escândalo. Quando eu redigi o Projeto Emergência há 90 dias a dívida estava em 8 trilhões de cruzeiros, ainda ontem, eu li no jornal já tá em 14 trilhões. A dívida interna a qualquer tempo me referindo, (1) não é todo o débito público não, somente LTN e ORTN, só estes dois papéis. São estes dois papéis, que hoje servem de lastro para a especulação financeira do sistema bancário brasileiro... Nós temos que fazer um recolhimento total de todos estes papéis, ou congelar a dívida segundo estudos que estamos fazendo. Ou substituí-las por bônus de guerra. O que não se pode admitir é que tenhamos no país uma moeda corrente, o cruzeiro, e tenhamos as letras do tesouro funcionando como moeda sem exercer o papel de moeda... Elas são títulos privilegiados aos quais só os banqueiros têm direito."

"A dívida social só pode ser paga através da volta da atividade brasileira para a nossa economia interna. Com a moratória nós vamos reduzir a exportação, nós vamos reduzir a produção de muitas indústrias de luxo. E revolucionário isto, no bom sentido da palavra. É uma revolução sem armas, mas a proposta do Projeto Emergência é uma proposta revolucionária. E nós vamos executá-la, Vamos executá-la porque o povo está apoiando."

"A quarta dívida é a dívida política. Seria a devolução do direito democrático à sociedade brasileira, que foi usurpado em 1964. Para termos a devolução do estado de direito é necessário que haja uma Assembleia Nacional Constituinte... o projeto é de urgência, não temos tempo agora para convocar uma Assembleia Nacional Constituinte, então propomos três pontos fundamentais e darei garantia suficiente para execução das propostas do Projeto Emergência."

Teotônio conclamou as oposições a se unirem para apresentar uma proposta alternativa ao modelo econômico do ministro Delfim Netto e o povo, a se unir em torno da execução do Projeto Emergência. Ao final, foi aplaudido de pé e pediu a todos que cantassem o Hino Nacional, no que foi atendido. Em seguida, deu-se início a um debate em torno de propostas do Projeto Emergência, que não se prolongou por muito tempo devido ao horário (que se meio-dia) e aos demais compromissos que o ex-senador tinha naquela dia.

RESENHA

Reuniões transferidas

O Clube de Matemática da UnB transferiu as suas reuniões, das terças-feiras no horário do almoço para as quartas-feiras às 19:00 h. A decisão se deveu ao fato de que muitos estudantes e professores não estavam podendo participar das reuniões.

Filtros Digitais

O Departamento de Engenharia Elétrica promove, sob coordenação do professor Humberto Abdalla Jr., o curso "Filtros Digitais", de 4 a 28 de julho. O curso é dirigido a graduados, pesquisadores, programadores de computador e gerentes técnicos, que poderão fazer suas inscrições até o dia 1º de julho, pagando uma taxa de mil cruzeiros. As palestras, a cargo do professor Asastassius Venets Nopoulos da Universidade de Toronto, Canadá, terão lugar no auditório do Departamento de Engenharia Elétrica, de segunda a sexta das 15 às 18 hs.

Concurso de roteiros

O Centro Acadêmico e a Chefia do Departamento de Comunicação promovem, com patrocínio da Play Back Video, um concurso de roteiros, aberto a estudantes de comunicação da UnB e do CEUB. O roteiro premiado receberá 25 mil cruzeiros e será produzido em VT. O tema é livre e o tempo de duração de 30 minutos. Cada participante poderá entregar até três trabalhos em cinco vias e datilografado. O último dia de entrega é 22 de agosto e o julgamento será feito até o dia 5 de setembro. Maiores informações no CA do Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília.

Vem aí o

VII ENECOM

Os estudantes de Comunicação da Universidade de Brasília estão se preparando para o VII ENECOM — Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação, a ser realizado em Campinas, São Paulo, de 13 a 17 de julho. Na última terça-feira, dia 21, foi realizada a assembleia geral do departamento, preparatória para o encontro. Em Campinas serão discutidos os problemas do curso e a democratização da comunicação no Brasil.

UnB pensando em melhoras

A UnB será palco, de 29 de junho a 2 de julho, do Congresso Por Uma Nova Universidade. Os delegados (cinco para os 100 primeiros alunos e mais um para 100 ou

fração de 100 alunos subsequentes) serão eleitos em cada departamento, mesmo onde não haja CA, de 20 a 26 de junho. A pauta está dividida em três pontos: situação atual da Universidade; propostas para uma nova Universidade e propostas para a UnB hoje. Este último ponto inclui itens como o regime de ensino e pesquisa; estrutura de poder; regime jurídico e financeiro e vínculo com a comunidade. Os debates serão realizados à noite, mas a abertura será às 9:30 hs do dia 29 de junho no Anfiteatro 8, com a participação da Frente Intersindical do DF e do Sindicato dos Professores do DF.

Soja com feijão no Bandeirão

As estagiárias de Nutrição do Bandeirão da UnB prepararam um questionário que está sendo respondido pelos usuários para saber da receptividade da introdução de soja nas refeições servidas. Segundo elas, a soja tem um alto valor nutritivo e por isso tem sido introduzida em preparações como o feijão numa porcentagem de 20%, contribuindo para o seu enriquecimento.

Departamento de Letras promove

Os "Encontros Quinzenais de Literatura", promoção do Departamento de Letras e Linguística e coordenado pela professora Maria de Jesus Evangelista, terão encerramento no dia 29 de junho próximo. No dia 24 termina o curso "Ensino de Inglês Instrumental", coordenado pela professora Maria Isabel Santos Magalhães.

Liberdade em discussão

O "Seminário sobre Liberdade de Imprensa e Segurança Nacional", promovido pela Comissão de Comunicação da Câmara dos Deputados, propiciou a discussão em torno da legitimidade da Lei de Segurança Nacional e a liberdade de Imprensa. O Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília participou dos debates e da indicação de expositores e debatedores presentes ao seminário.

Reconhecimento de um senador

O senador Nelson Carneiro (PTB-RJ), em discurso no Senado Federal, elogiou o apoio dado pelo Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília e por outras entidades, como a Cultura Inglesa e a Secretaria Geral do MEC, ao Cinema Brasileiro em Debate, iniciativa da EM-BRAPILME que reuniu em Brasília vários cineastas para apresentação e discussão dos seus filmes.

Professores aprovam Projeto de Carreira

Quarta-feira, dia 8, 9:30 da manhã. Fala o professor Ibañez. Pede silêncio, faz uma rápida explanação sobre o surgimento da ideia de se formular um Projeto de Carreira, pede para que os companheiros tenham um pouco de paciência, deixem de lado as questões pessoais e desarmem o espírito. A pauta é colocada em votação. Ninguém se manifesta contra, a pauta está aprovada.

Começa, assim, a primeira parte da Assembleia da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB) para discutir o texto final do Projeto de Carreira, que tem como objetivo normatizar a contratação e promoção do Corpo Docente, bem como suas atribuições, que quando aprovado, e, caso implementado, virá mudar o Regimento Geral e os Estatutos da UnB de forma substancial.

Bandeira central da luta pela democratização da Universidade de Brasília levada pela ADUnB, o Projeto de Carreira nasceu quando o Ministério da Educação e Cultura o implantou nas Universidades Autônomas, trazendo ganhos reais para os professores em termos de salários. A Associação Nacional de Docentes (ANDES) propôs a elaboração de um projeto similar, aprimorado de acordo com a necessidade de cada instituição, para as Universidades Fundacionais.

O QUADRO DA UNB

A Fundação Universidade de Brasília tem hoje 50% do seu quadro de professores na situação de colaboradores. Eles têm o mesmo tipo de atividade dos contratados, porém com salários diferenciados. São obrigados a renovar o contrato de trabalho periodicamente, não têm direito às férias sabáticas (de 7 em 7 anos, seis meses de licença remunerada) e participam das reuniões departamentais sem direito a voto.

A ADUnB iniciou no segundo semestre de 1982, uma campanha para o enquadramento desses professores, de onde surgiram dois acordos com a Administração Central da Universidade, ambos descumpridos, segundo Antônio Ibañez, presidente da entidade. O Projeto de Carreira é a continuidade desta campanha.

Depois de alguns parágrafos suprimidos, artigos deslocados, muitas discussões e muitos a partes, a Assembleia foi suspensa às 11:45, e reiniciada às 2 da tarde, tendo sido



ADUnB consegue aprovação na assembleia dos professores

aprovas partes importantes do Projeto, como uma escala de 1 a 16 pontos que os professores contratados a partir da vigência do mesmo, terão que percorrer até galgar o ponto mais alto na carreira do magistério, dentro de critérios de tempo de serviço, título e mérito. Para dar prosseguimento ao trabalho foi marcada uma nova Assembleia.

TERCEIRO ROUND

A terceira etapa da Assembleia foi realizada quinta-feira, dia 16, no período da manhã, no mesmo anfiteatro em que foram realizadas todas as outras. Porém, dessa vez, no anfiteatro vizinho estava o ex-senador Teotônio Vilela fazendo sua campanha pela "redefinição do Brasil", através da divulgação do "Projeto Emergência". Arrancava palmas da plateia emocionada, quando dizia não ser aceitável a entrega de «mãos beijadas» do Brasil aos norte-americanos.

Pela proximidade das duas manifestações — Assembleia da ADUnB e Teotônio Vilela na UnB — poderíamos ficar tentados a estabelecer uma ligação entre os dois projetos em questão. Então, dizíamos que o Projeto de Carreira está para a UnB assim como o Projeto de Emergência está para o Brasil. Senão, no entanto, uma associação leviana. Mas agrupar, numa mesma categoria manifestações que surgem no Brasil hoje, com o intuito de solucionar a crise que hora nos

venos mergulhados, não fugiria completamente à realidade.

Os dois acontecimentos se encerraram quase ao mesmo tempo. Nem o Brasil estava livre das suas dívidas, que segundo Teotônio Vilela são 4 — nem a UnB tinha chegado a um consenso para incrementar e prosseguir na sua tarefa de aprimoramento e produção de conhecimento. Mas a Universidade dava mais um passo para se integrar no clima de processo democrático em voga no nosso País.

A Assembleia dos professores, continuou por toda a tarde, tendo sido aprovado finalmente o Projeto de Carreira, que será entregue para o Conselho de Representantes para seu encaminhamento, e divulgação em toda a UnB. O reduzido número de participantes na última parte da Assembleia, não tinha um significado negativo, segundo os presentes, pois eles representavam os omissos.

Se implementado, o Projeto de Carreira, segundo a diretoria da ADUnB, eliminará a dicotomia entre professores e reitoria, deixando de existir a figura do professor como mero executor de planos. Espera-se, no entanto, que a nova situação dos professores dentro da UnB venha trazer melhoras também na relação Corpo Docente-Corpo Discente, tendo em vista o longo aprendizado que tiveram os mestres durante muitas horas de discussão. (Pedro Sérgio Coe)

Monitores levam a melhor na UnB

Terminou na última quinta-feira, dia 16, o "Teste" dos monitores da Universidade de Brasília. Com todas as reivindicações atendidas pela Administração da universidade, eles decidiram voltar às suas atividades depois de vinte dias de greve.

Segundo o documento assinado pelo Decano de Assuntos Comunitários, Gentil Martins Dias, negociador nomeado pela Reitoria, a Universidade se compromete a reajustar as bolsas de monitoria de acordo com a variação do INPC de março de 82 a março de 83, (os próximos reajustes serão semestrais). Dessa forma as bolsas passarão de 7 mil e quinhentos cruzeiros para 16 mil e oitocentos cruzeiros, com efeito retroativo a março deste ano.

Para atender essas reivindicações a Universidade fez uma realocação de suas verbas, pois o MEC ainda não atendeu os vários pedidos de suplementação de verbas feitos pela Reitoria. Segundo o Professor Gen-

til Martins Dias, o MEC não quis se comprometer, pois ainda não sabe o quanto o seu orçamento será afetado pelo novo pacote econômico, — sabe-se apenas que virão mais cortes.

PAGAMENTOS

Quanto às outras reivindicações a Administração da Universidade se compromete a fazer os pagamentos até o dia cinco de cada mês, e este será feito na agência do Banco do Brasil existente no Campus. O processo de seleção de monitores será precedido de amplas informações sobre o valor das bolsas, de sua duração e atribuições dos bolsistas.

Outra preocupação era de que a Reitoria, com o aumento no valor das bolsas diminuiu o número de monitores. Mas, segundo o professor Gentil Martins Dias, no próximo ano, «o número de monitores será fixado de acordo com estudos a serem feitos nos Institutos e Facul-

dades com a participação de representantes dos alunos».

Com a solução de seus problemas os monitores se comprometem a encontrar junto com os professores e chefes de departamentos a melhor forma de organizar seus trabalhos, pois existem muitas tarefas acumuladas. Eles estão dispostos a trabalhar aos sábados e até mesmo prorrogar o semestre, mas o problema será resolvido com a participação de todos os interessados.

Para José Jackson, diretor de assuntos estudantis do DCE e um dos coordenadores do movimento dos monitores, essa vitória mostra que existe uma nova correlação de forças na universidade, «diferenciada, principalmente, a partir da greve principal do semestre passado». Ele entende também que essa é uma vitória de todos os estudantes, na medida de que é mais verbas para a educação, «para garantir um melhor nível de ensino».

(Rosalina Machado)

Nos albergues, o ponto final da esperança

Não é nos aviões que passam rondando a baixa altura no céu do Núcleo Bandeirante que chegam os migrantes nordestinos ao Albergue Espírito São Sebastião, o Mártir, daquela satélite. A esmagadora maioria viaja mesmo é de carona, com mulhres, filhos e a tralha miserável. No caminho, sofre o diabo, é roubada ou confundida com ladrões e vagabundos. Chegando ao destino, tem de conviver, muitas vezes, com o duro e frio cimento da Rodoviária, até ser encaminhada a um albergue, ou — fato não muito raro — ir passar seus primeiros dias na prisão. A maioria escolheu Brasília, não aportou aqui por capricho dos ventos. Afinal de contas, comparada a seus lugares de origem, Brasília é ainda a luz no fundo do túnel, a Capital da Esperança.

Foi sem nenhum capital, mas com muita esperança de sanar de um desvio na coluna que o cearense de Juazeiro, Geraldo Rodrigues de Menezes, com 34 anos que parecem muito mais, chegou a 1º de junho ao DF. A doença foi apanhada na dura lida do campo em Guarai, norte de Goiás e veio para Brasília porque lhe disseram que havia recurso fácil. Todavia, no rosto endurecido e no único olho são (o outro está quase cego pela catarata) a esperança há muito que acabou. «Aqui já fui até chamado de mentiroso e mangaram de mim». Sem dinheiro para aviar uma receita do médico voluntário do albergue, Geraldo foi ao programa Brasília Urgente, da TV Brasília, e saiu com um bilhete escrito num papel comum, sem timbre. No bilhete, assinado por um certo Rogério, datado de 1º de junho, a equipe do programa se dirige ao «senhor farmacêutico» e «pede a fineza de atender o paciente no que for possível». Mas, nas farmácias, insinuaram que o bilhete era falso e Geraldo, ofendido, desistiu. Mais de dez dias no albergue, com a dor na coluna que não lhe deixa nem se assentar para comer, só pensa no dia voltar para Juazeiro. Lá pagam apenas Cr\$ 200,00 por dia de trabalho no campo, mas tem casa própria, os cuidados da mãe e «nun-

ca ninguém me chamou de mentiroso».

Já Eurenio Severo dos Santos, pernambucano, casado, 27 anos, abre um sorriso enorme e faz questão de ser entrevistado. Garçom desempregado em Paulo Afonso, Bahia, deixou os três filhos com a sogra por lá e se mandou para Brasília com a mulher no último mês de gravidez. «Vim porque aqui é a terra do Presidente e sei que vou me dar bem. Até emprego já arrumei, mas não peguei porque estou gripado e a criança tá por nascer», explica ele radiante, apontando para a enorme barriga da esposa. No entanto, nenhum dos dois teria vindo se as coisas não estivessem ruins. «A gente só sai quando a barra pesa».

“COMIDA SÓ PROS PORCOS”

Barra pesada foi também o motivo da migração do chaveiro e bombeiro hidráulico Marco Antônio de Souza, pernambucano de Recife, casado, 25 anos. Até chegar ao albergue, viajou um mês de carona, com mulher e quatro filhos, e dormiu dez dias na Rodoviária. «Na viagem passei de tudo. Levá xinga e humilhação. Num restaurante gaúcho em Muriaé, MG, quase perdi a cabeça, quando pedi comida e o dono me disse que não dava, porque a que tinha era pros porcos». Há um mês no albergue, onde tem cama e comida, ainda não arranjou emprego, nem com experiência comprovada em carteira. «Mas voltar não volto, pois tenho vergonha na cara. Se aqui não der, vou pra Manaus».

A esperança, a desilusão, a obstinação, a honra e a teimosia se misturam nos dramas dos milhares de Geraldos, Eurenios e Marcos Antônio que têm de deixar tudo, no monotono e repetitivo drama do Nordeste brasileiro. Foi o drama de seus avós, pais e será o de seus filhos que sobreviverem, até que um dia, como diz Marco Antonio, “o governo tenha mais responsabilidade e melhore a vida da gente, que ninguém anda nessa ciganagem porque quer: é por precisão” (William Santiago).



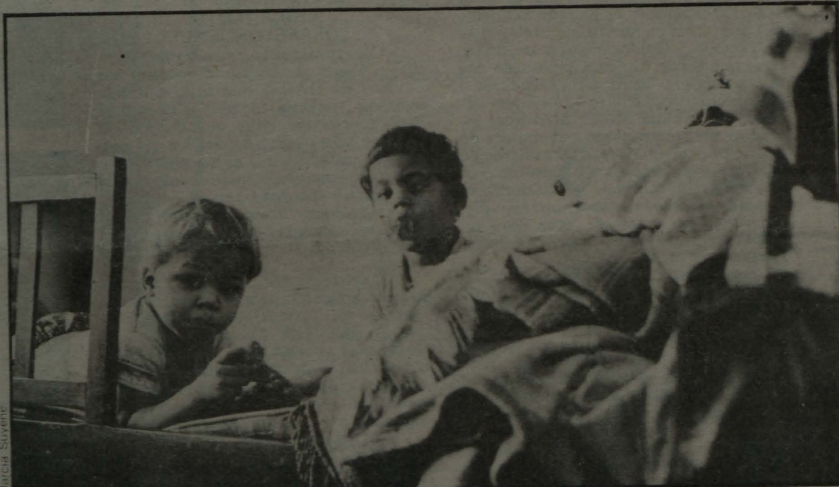
Marcia Suyene

No albergue, a solução por alguns dias...



Marcia Suyene

...não resolve a necessidade de emprego.



Marcia Suyene

“O migrante fica andando de lá para cá, porque ninguém quer compromisso”

A denúncia da CNBB

“O migrante fica andando de lá para cá, porque ninguém quer compromisso. O negócio é sumir com ele. O que não é solução.” A denúncia é do padre Jacyr Baido, secretário geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e responsável pelos setores de Migração e Mobilização Humana do Órgão, para quem há uma política de “passe” para outros lugares, adotada pelo Governo para solucionar o problema das migrações.

Para a Igreja Católica, o programa adotado pelo setor governamental não resolve o problema das migrações, porque são medidas restritas aos aspectos conjunturais, ou seja, quando o migrante chega aos lugares de destino encontra o mercado de trabalho saturado. Então, o Governo promove a sua ida para outros lugares assim inicia-se o círculo vicioso que o transforma em turista custeado pelo Estado.

E não é exatamente, esta a transformação que a Igreja espera do Governo para a causa dos migrantes, mas sim que se desloque o capital para as áreas carentes e não o homem. Que implante a reforma agrária para dar condições e buscar recursos que favoreçam o pequeno produtor e assegure ao trabalhador rural o seu direito de subsistência que no caso concretizará a política

de fixação do homem em seu local de origem.

FALTA VONTADE POLITICA

A cada dia que passa aumenta o número de migrantes que se dirigem aos centros urbanos, engrossando a massa marginalizada das favelas, invasões e canteiros da construção civil. Isto é faz-se necessário repensar estruturalmente o problema das migrações. Estudar suas causas para só assim se influir nas consequências. Mas a tarefa é difícil como reconhece padre Jacyr: “trabalhar no estrutural não é fácil, não há vontade política de reformas de longo alcance. Não há idéias”.

Segura de que o Governo não compartilha da idéia de repartir o “bolo formado pelos migrantes” de forma mais equitativa, e convicção de que as transformações são conquistadas por pressões, a Igreja propõe a conquista através de meios legítimos e não violentos, por intermédio das associações, das cooperativas, e dos sindicatos representativos. “E padre Jacyr enfatiza que esta proposta baseia-se na crença que “apenas o diálogo sincero das pessoas, que olham o mundo a partir de uma História, poderá semear algo mais duradouro”.

Agora o mínimo que se deve exigir é que o capítulo das migrações não ocupe um espaço muito longo na nossa História. (Eugênia Maria).

Ineficácia, a tônica do governo

Ineficácia. Nenhuma palavra resume melhor o tratamento que o governo brasileiro vem dando ao problema das migrações internas. A simples leitura dos planos e programas oficiais criados para, em tese, resolver o problema, desnuda as ações governamentais, mostrando as ações verdadeiras face: são ações sobretudo paliativas, que não servem para acabar com a situação, que permanece inalterada ano a ano.

Fala-se sobretudo em “orientar o fluxo migratório...para dificultar ou diminuir a migração gratuita e indiscriminada”. Esta afirmação consta do Programa de Migrações Internas do Distrito Federal, que é feito por convênio do Programa de Migrações Internas do Ministério do Interior com a Fundação do Serviço Social. É difícil entender que uma família saia de sua terra gratuita e indiscriminadamente, pelo simples prazer de fazer turismo pelo país.

Vinculados ao Programa de Migrações Internas do Ministério do Interior estão dois sub-programas: O SAMI (Serviço de Apoio ao Migrante) e o SIMI (Serviço de Informações Sobre Migrações Internas). A estes dois, ligam-se os CETREMIs (Centros de Triagem e Treinamento de Migrantes), os CENTRAMIs (Centros de Triagem e Atendimento de Migrantes) que existem em todos os estados que recebem ou são pontos de origem dos fluxos migratórios.

Fica claro que o atendimento aos migrantes é emergencial. O governo dá comida, atendimento médico, encaminha os desempregados ao SINE (Sistema Nacional de emprego); mas, exatamente por ser emergencial, o atendimento, é temporário. Depois de alguns dias e muitas idas e vindas, o migrante e sua família retornam sua via-crucis pelo Brasil.

VERBAS

Somente para a região Centro-Oeste está prevista uma verba de 160 milhões de cruzeiros para 1983. No mesmo período, são esperados cerca de 800 mil migrantes. Além de contar com esta verba, o Programa de Migrações Internas mantém com os serviços sociais de cada Estado, convênios para o atendimento mais especializado, como albergamento e assistência médica, incluindo-se aqui a assistência prestada a famílias de posseiros expulsos juridicamente das terras que ocupavam.

Para o próximo ano mais verbas, provavelmente maiores e mais migrantes, provavelmente em maior número, darão continuidade ao quadro de ineficiência que hoje se vê. Enquanto a eficiência não vem, o homem não cria raízes, não tem saúde, tem somente a ansia de buscar noutro lugar o que não pode ter na sua terra: o direito de viver e trabalhar em paz. (Ilara Viotti).

A PALAVRA

As denúncias são muitas, a qualificação, violação do transporte. O CO

Luciene Rosa de Assis

“É preciso fazer uma análise mais profunda dos problemas que estão acontecendo no C.O.”. O

desabafo é da Elenice Seixas Hanna, 24 anos, cursando o 7º semestre de Psicologia. Ela protesta contra as denúncias da Diretoria de Assuntos Comunitários (DAC), que acusa a prática de homossexualismo, uso indiscriminado de drogas, indisciplina e moradia clandestina entre os moradores do Alojamento Estudantil da Universidade de Brasília.

Os protestos vieram à tona a partir da publicação do documento assinado pela Assistente Social Rosa Ferreira da Silva, chefe do Serviço de Orientação e Mercado de Trabalho e por Raimundo Cosmo de Lima, chefe do Serviço de Proteção ao Patrimônio. «O documento é um inventário que depõe contra a reputação dos estudantes e só serviu para cristalizar o preconceito social contra os 'ceolinos' diz Maria de Fátima M. de Medeiros, estudante de Comunicação e moradora do bloco "B". Flávio Montiel, presidente do DCE da UnB, também não concorda com as denúncias contidas no documento. Segundo ele, "são dados totalmente distorcidos, que retratam uma posição pseudomoralista e não resolve as necessidades dos moradores".

Para Elenice, os problemas do C.O. precisam de uma reflexão mais profunda porque «o uso de drogas está crescendo não só no Alojamento mas, no Brasil. É um reflexo da situação que o país está atravessando». Na opinião de Irene Maria Ferreira, 25 anos e estudante de Nutrição, «a existência de homossexuais não é privilégio dos estudantes do Alojamento». Para ela, «isso também faz parte da individualidade de cada um. Mas ainda choca as pessoas, porque o ser humano está em fase de adaptação e ainda não aceita o movimento 'gay' com naturalidade».

REIVINDICAÇÕES

Na opinião dos estudantes, as principais causas dos problemas apontam em duas direções: infraestrutura precária e isolamento. Os moradores classificam o Alojamento de «lugar ermo, no meio do mato e afastado da cidade». Juntam-se a esses pontos as reivindicações sobre a melhoria do sistema de transporte. «Realmente falta um sistema de apoio», concorda o engenheiro Edson Machado, chefe do Serviço de Obras Complementares da Diretoria de Engenharia da Reitoria. A dificuldade maior acontece nos fins de semana, quando a circulação de ônibus se torna escassa. No domingo, a partir das 20 horas, o «Cinderelo», como é chamado pelos usuários do Alojamento, passa pelo Centro Olímpico a cada 45 minutos, recolhendo-se depois da meia-noite.

Este é um obstáculo principalmente para quem precisa permanecer na Biblioteca até mais tarde, além de reduzir ao mínimo as atividades noturnas dos estudantes, que têm de retornar ao Alojamento «antes que o ônibus vire abóbora». Para amenizar o impasse os moradores sugerem que, após às 24 horas, o coletivo de engenharia Mecânica.

O estudante de engenharia Mecânica, Cláudio Rúbica, diretor de assuntos acadêmicos do C.A. de Engenharia, residente no bloco «A», questiona tam-

bém o local de construção da moradia porque «o ponto mais próximo do C.O. é a L-2 e fica a quatro quilômetros». No fim de semana a situação se agrava, pois o lazer disponível aos moradores, na maioria carentes, é utilizar as quadras de esporte e as piscinas da Escola de Educação Física, que fecha suas portas às 2 horas, nas tardes de sábado e domingo. Depois desse horário só restam duas opções: assistir televisão no centro de lazer do bloco «A» ou estudar. «Os moradores deveriam enviar um ofício à professora Maria Helena Siqueira, responsável pela Escola de Educação Física, pedindo livre acesso dos 'ceolinos' depois do horário normal, até às 18 horas», sugere a Assistente Social Rosa.

VIOLAÇÃO DE CORRESPONDÊNCIA

«Cartas rasgadas e telegramas abertos». Essas denúncias chegaram aos ouvidos do DAC «mas ficou por isso mesmo», reclama Cláudio. Em muitos casos, o 'ceolino' sabe que chegou telegrama pelo quadro de recados, na portaria de cada bloco. O aviso identifica o morador lembrando para passar pela Biblioteca e apanhar o seu na secretaria. Os telegramas ficam expostos numa caixa, sem qualquer lacre ou reserva, «à disposição de quem quiser ler», conta Nelson.

A Assistente Social da DAC não encontra explicação para as ocorrências e, segundo ela, «talvez isso aconteça porque a Biblioteca Central possui um telex, mas apenas para serviços internos». Quanto às cartas, Nelson diz que, «ultimamente tenho escrito pouco, mas já recebi muitas correspondências violadas e algumas até mesmo rasgadas».

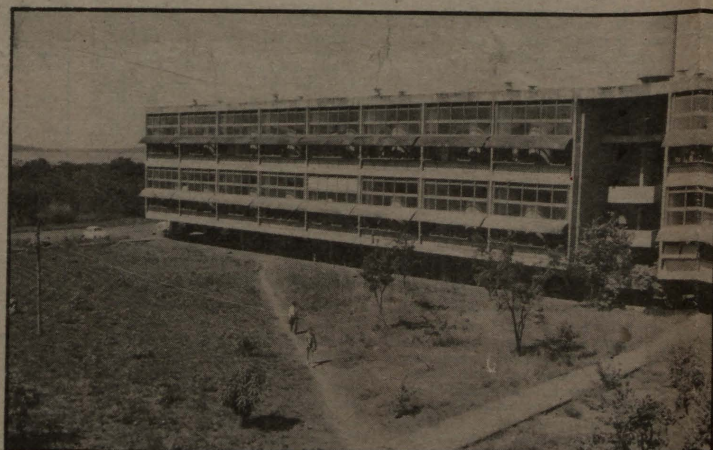
QUESTÕES PREMENTES

Quando o Alojamento foi aberto às estudantes em 1981, as cercanias do Centro Olímpico à noite eram puro breu. Nesse mesmo ano aconteceram graves incidentes com estudantes e até mesmo com pessoas alheias ao Alojamento. No caminho entre a Biblioteca e o C.O., moradores foram interpelados e assaltados por elementos até hoje não identificados. O fato mais grave foi o estupro de duas moças, culminando com a morte de uma delas. Os corpos foram jogados perto do bloco «B» e não fosse pelos gritos, elas só seriam encontradas na manhã do dia seguinte em virtude da total escuridão que envolvia o local.

Esse surto de ocorrências ocasionou medo e insegurança entre os «ceolinos», que protestaram com veemência contra a falta de apoio do Decanato de Assuntos Comunitários, chefiado pelo professor de Sociologia Gentil Martins Dias. E as providências não tardaram. Construíram uma passarela no caminho que leva à Biblioteca, iluminado por quatro postes. Ao lado do bloco onde as moças foram abandonadas, mais dois postes.

«Para o pessoal do DAC, tudo bem, tudo ótimo, mas nenhum deles aparece por aqui à noite, para constatar que a iluminação é quase inexistente, trazendo perigo aos 'ceolinos'», denuncia Nelson Augusto Formaggio, 21 anos, estudante de Biologia Animal, mais conhecido por 'Queijo'.

Nelson acha que, tanto esse como os demais problemas dos moradores só terão solução a partir do momento que todos se unirem e exigirem um *modus vivendi* mais justo.



CO, isolado, desolado: o descaso da Reitoria.



Nos arredores do bloco B, o mato refugia ladrões de roupas.

Francisco, eis um supervisor em cheque

São 92 apartamentos e quase 540 moradores. A supervisão dos blocos «A» e «B» é feita por Francisco Vasconcelos, há seis anos no cargo. «Ele é como um síndico, cuja função é corrigir o que está errado. Mas é um péssimo administrador», reclama 'Queijo', que tem há seis meses sob seu apartamento uma vidraça quebrada, que caiu de uma janela cujo suporte foi corroído pela ferrugem. «Isso sem falar do lixo que transborda pelos corredores e do capim alto que permeia os blocos», ressalta Cláudio Rúbica.

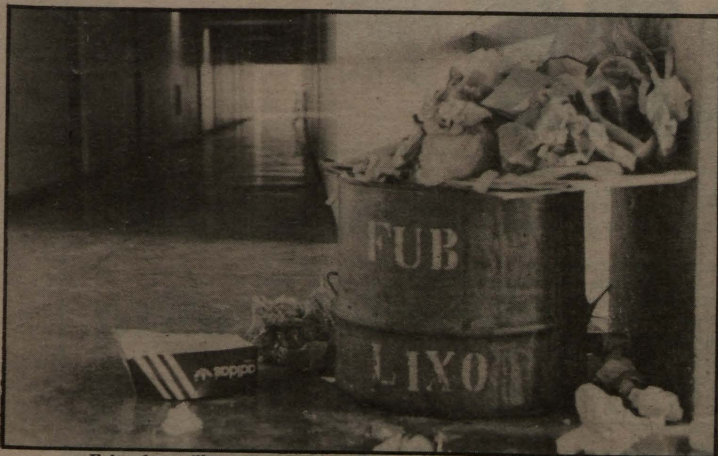
Francisco é solteiro e mora no apartamento 223 do bloco «B», junto com o funcionário da limpeza José Hortêncio. «Num lugar onde cabem seis, mas eu não posso colocar nenhum aluno morando com eles, porque são funcionários da

Universidade», justifica Rosa Ferreira da Silva.

De acordo com a Assistente Social, o supervisor Francisco é o encarregado de distribuir a correspondência, acompanhar os novos moradores e fazer vistoria nos apartamentos a cada três meses. Os protestos são unânimes contra a vistoria pois, «é uma forma de policial e invadir a intimidade dos moradores», diz 'Queijo'. «O supervisor deveria se preocupar com a limpeza do pátio, providenciar para que o telefone não fique quebrado durante semanas. A água que nós utilizamos chega a ser amarelada, de tão suja», fala Cláudio. Quanto à proliferação dos ratos que, segundo os moradores «comem os gatos», a DAC promete para breve uma feroz desratização.

RA DO CO

tas. Um administrador sem
de correspondência, falta de
O exige mais atenção.



Falta de vasilhames para o lixo. Resultado: sujeira e mau cheiro



A meta da "Comissão": criar a AMAE e abrir uma cantina.

Criar a Associação não é mais um sonho

A idéia surgiu em março de 82, quando o Bandeirão ficou fechado por uma semana, em razão da greve. Os moradores se organizaram e conseguiram da CEASA doações de grãos, verduras e frutas. Os "ceolinos" se reuniram em mutirão e dividiam as tarefas na hora das refeições. As doações em dinheiro recolhidas nos pedágios, foram convertidas para o café matinal que era preparado às cinco horas da manhã por Nelson e outros dois moradores. Entusiasmados com o sucesso do mutirão, decidiram criar uma Comissão Pró-associação dos Moradores do Alojamento Estudantil — AMAE, formada inicialmente por 15 pessoas.

A primeira providência da Comissão foi propor à DAC, a criação de uma cantina para os moradores. No projeto vem justificada a necessidade de "um desjejum substancial para compensar o longo intervalo de aproximadamente 12 horas entre o jantar e o início das atividades diárias". A proposta prevê que a cantina seja administrada pelos próprios

moradores, na figura da diretoria da Associação.

A Associação não está formada mas já tem estatuto, que ainda não foi aprovado por falta de quorum nas assembleias. E, segundo o DAC, a cantina só será aberta quando houver uma entidade representativa que se responsabilize pelo material (fogão industrial, geladeira e panelas). "E não será por falta de apoio que os 'ceolinos' ficarão sem cantina. Vamos trabalhar em conjunto com os moradores, no sentido de criar a AMAE", promete Flávio Montiel, presidente do DCE.

Segundo ele, "a solução viria mais rápida se o Ministério da Educação e Cultura participasse mais de perto. Atualmente, o que acontece é que o MEC está cada vez mais distante dos problemas dos estudantes, moradores do Alojamento". (Luciene Rosa de Assis)

No relatório, o conceito da Reitoria

3 Moradia clandestina

"A existência de moradores clandestinos no Alojamento, sempre constituiu em grave problema, dificultando a administração principalmente no que diz respeito ao controle de vagas e de moradores. A cobertura oferecida pelos moradores autorizados aos clandestinos e o uso da ficha na portaria, através da qual o morador tem ampla liberdade para levar ao seu apartamento quem quiser, sem nenhuma identificação, dificultam sobremaneira o controle dessa situação".

4 Indisciplina

"A recusa de alguns moradores em apresentar sua autorização (carteirinha) no momento da entrada nos blocos tem sido motivo de várias ocorrências, quase sempre culminando com desacato aos vigilantes das portarias. Ainda com relação à indisciplina, deve-se registrar a situação daqueles que não apresentam a documentação exigida para reestudo do caso ou apresentam de maneira incompleta, contrariando a resolução do Conselho de Administração 003/74, que estabelece normas para o "Alojamento e que ainda está em vigor".

1 Homossexualismo

"É oportuno frisar que não desejamos questionar o homossexualismo em si como problema, mas tão somente as consequências que ocasiona atualmente no Alojamento. Temos recebido um número razoável de queixas quanto ao crescente número de homossexuais que ali residem. Observa-se ainda haver uma certa relação entre alguns dos moradores homossexuais e o uso de tóxicos".

2 Tóxicos

"A localização do Alojamento Estudantil favorece o incremento do uso de tóxicos, o que talvez esteja ligado à facilidade de sua venda naquele local, já que a polícia não tem acesso ao interior dos blocos e ao fato desses jovens viverem longe da estrutura familiar, tornando-se assim mais vulneráveis. O que nos preocupa pelas observações feitas no decorrer de todos esses anos, que temos coordenado as atividades do Alojamento, é que alunos extremamente jovens que ingressam na Universidade, quando ali passam a residir, correm sério risco de tornarem-se toxicômanos. O uso de tóxicos parece ser responsável pela realização de "festinhas" que resultam em orgias, envolvendo moradores e não moradores".

5 Agressão física

"Recentemente, um morador ameaçou outro com faca e, talvez, a proximidade do vigilante tenha impedido um problema mais grave. Tem havido casos de troca de tapas e ofensas verbais. Esses problemas merecem ser aqui registrados, para conhecimento do quadro de animosidades que existe entre alguns moradores".

6 Sugestões

"Fazer uma reunião conjunta entre o DAC, DCE e Comissão Pró-Associação dos moradores do Alojamento, para discussão dos problemas aqui mencionados e para a elaboração e implantação de normas atualizadas, nas quais fiquem estabelecidas as condições de permanência do morador. Reestruturar o sistema de portaria de forma a se ter um real controle do acesso ao alojamento, com o apoio total e imediato da administração superior da Universidade. Extinguir a ficha que permite o acesso de visitantes ao Alojamento sem identificação e sem indicar o período de permanência, desde que acompanhado pelo morador". Brasília, 19 de novembro de 1982. Assinado por Raimundo Cosmo de Lima, chefe do Serviço de Proteção ao Patrimônio e Rosa Ferreira da Silva, chefe do Serviço de Orientação e Mercado de Trabalho.

RICOS X POBRES

Imagine um navio em alto mar. Afundando. Agora imagine neste barco, marujos dependurados pintando o casco, enquanto os comandantes cantam "Oh, Suzana". Se você conseguiu visualizar esta cena, já compreendeu plenamente o que foi a IX Conferência dos Países Industrializados, realizada em Williamsburg, Virgínia no final do mês passado. Essa absurda imagem pode ser tirada do texto final do Encontro dos Sete Grandes. E um dos comandantes que canta a música é Ronald Reagan falando em conflito Leste-Oeste e em abertura de mercados dos países em desenvolvimento. Como se dar um brilho maior ao casco, tapasse o rombo feito no navio da economia internacional.

Esperanças haviam muitas. Entre as mais otimistas, muitos políticos e líderes europeus achavam que da reunião sairia a decisão de se convocar os ministros das finanças dos países participantes para rever toda a política econômica internacional. Mas os ricos entre si já tinham muitos problemas para resolver e os pobres ficaram apenas com o relatório da OIT — Organização Internacional do Trabalho, que longe dali, informava a situação do desemprego no mundo: 500 milhões de desempregados ou subempregados. Na América Latina, África e Ásia, 300 milhões, principalmente nas zonas rurais.

O Encontro dos Sete em Williamsburg foi uma decepção para a maior parte do mundo que aguardava alguma decisão para o início das mudanças estruturais tão urgentes na economia internacional.

E essa é também a opinião de técnicos e políticos. O Campus procurou reunir as impressões de pessoas ligadas à área e constatou que de alguma forma, por outro lado, já se esperava o desprezo pelos reais problemas mundiais. (James Allen)

O POLÍTICO

Sem soluções, crise pode piorar

O encontro de Virgínia (EUA), na opinião do senador José Fragelli (PMDB-MS), não apresentou soluções, não deu qualquer contribuição para sanar as dificuldades dos países subdesenvolvidos. Fragelli, que integra a Comissão de Economia do Senado, advertiu que no caso do Brasil, especificamente, estas dificuldades podem levar a uma «explosão social».

O senador observa que estas soluções devem começar pelo problema das barreiras alfandegárias, dos prazos para pagamento das dívidas e a instabilidade dos preços dos produtos agrícolas. Para o professor de Relações Internacionais da Universidade de Brasília, Sérgio Amaral, o mercado mundial caminha para um impasse, com todos os países aplicando cortes nas importações, enquanto precisam exportar mais, «todos precisam vender, ninguém quer comprar».

MERCANTILISMO

Neste momento, segundo Fragelli, estamos presenciando uma volta aos princípios dos sistemas mercantilistas, com todos os países preocupados em estabelecer barreiras alfandegárias e em evitar a alienação de suas reservas de riqueza (ouro e prata, no final do século XV).

Em Williamsburg, os países industrializados não deixaram margem para a participação dos subdesenvolvidos na formulação de estratégias de recuperação da economia mundial. O que, segundo o professor Sérgio Amaral, não é novidade. Este detalhe é reflexo da própria estrutura dos organismos internacionais como o Fundo Monetário, nos quais o processo decisório equivale a correlação de forças entre os Estados no quadro mundial.

Diferenças à parte, todos concordam num ponto: a contraditória política econômica do governo Reagan em nada ajuda a recuperação da economia mundial. Contraditória porque, primeiro fez-se uma redução dos impostos e do volume de meios de pagamento para, logo em seguida, aumentar os gastos do governo, (principalmente militares). Ora, para sanar seu déficit orçamentário — provocado por gastos excessivos e incipientes obtenção de recursos — o governo teve que tomar dinheiro emprestado no mercado interno, pouco a pouco saturado pelo aumento da demanda por dinheiro. O que causa a alta dos juros.

Um detalhe curioso. Os subdesenvolvidos se mostram dispostos a prestar auxílio financeiro aos endividados, principalmente ao Brasil, sem assumirem no entanto o compromisso formal de prover recursos adicionais para os problemas da dívida. A ideia é que esta medida (dar recursos adicionais) desestimularia os governos a seguirem aplicando políticas de austeridade (Jânio Carlos Nazareth)

O PROFESSOR

Decepção para os desenvolvidos

Para os países em desenvolvimento a reunião de Williamsburg foi uma grande decepção, pois «eles esperavam que, segundo uma proposta francesa, fosse discutido o problema de seu endividamento externo, procurando-se uma solução para ele», o que não aconteceu. E o que diz o professor José Santana, do Departamento de Economia da UnB.

Esta situação da dívida externa tem dois lados. Primeiro, o dos países credores, com 600 bilhões de dólares a receber do Terceiro Mundo, dos quais a metade está concentrada na América Latina. Os dados são do Correio Braziliense do dia 29 de maio último. Estes credores, obviamente, desejam receber de volta aquilo que emprestaram, mas esbarram na impossibilidade dos devedores em saldar seus débitos. Mesmo porque sua dívida só seria paga mediante a concessão de novo crédito ou de um maior período de tempo. «Mas é claro que os bancos comerciais não podem fazer isso, porque eles não têm recursos para tanto. Então, o que se esperava dos sete países industrializados é que eles adotassem algum tipo de financiamento através dos bancos centrais dos governos fortes. Mas nada disso aconteceu», explica Santana.

Das discussões sobre este assunto, surgiu a proposta de que os países devedores tivessem uma maior participação em termos de exportação para o mercado internacional e assim adquirissem condições de pagar suas dívidas. No entanto, esta solução apresenta duas contradições. A primeira é que ela só se viabiliza a médio prazo. A segunda é que, se todos os países desejarem obter superávit em sua balança comercial, quem terá déficit? Quer dizer, nem todos podem lucrar ao mesmo tempo.

O fato é que na economia internacional ninguém ajuda ninguém — o que existem são empréstimos. «Os países não têm absolutamente nenhum interesse em importar sem que lucrem em qualidade e preço. Sempre há contrapartida, não existe negócio sem ela», acrescenta o professor Santana.

O Presidente Ronald Reagan disse recentemente que os Estados Unidos estão conduzindo o mundo a um reaquecimento econômico. Conforme explica o professor Santana, isso pode de fato ocorrer se houver um crescimento econômico americano, pois o que ocorre neste país, «propaga-se para os outros como uma pedra que, lançada na água, expande suas ondas». Assim, havendo um reaquecimento interno, os Estados Unidos aumentarão suas importações e os demais países serão, assim, beneficiados. Esta poderia ser outra alternativa para as nações em desenvolvimento, mas seguramente não é uma solução a curto prazo. (Sandra Fernandes)

O TÉCNICO

“Na prática, nada ficou acertado”

A reunião de Williamsburg, na opinião de Carlos Henrique Mussi, técnico da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), teve como mérito o reconhecimento, por parte dos países desenvolvidos, da gravidade da situação dos países endividados. Na prática, quase nada ficou acertado. Os conferencistas pareceram dar pouca importância às esperanças de presidentes como Figueiredo que, segundo Carlos Mussi, ao enviar sua mensagem à conferência esperava uma maior atenção aos problemas econômicos do Terceiro Mundo.

De fato, Figueiredo pretendia uma maior discussão sobre os três pontos que considera vitais para a recuperação dos países devedores. São eles: a adoção de medidas de curto prazo de modo a permitir a reativação da economia mundial, um reajustamento das estruturas internas de produção dos países industrializados, permitindo superar as razões que levam ao protecionismo, assim como a revisão dos sistemas de comércio e finanças.

Na realidade, essas medidas são encadeadas. O que se pretende com as medidas de curto prazo é incentivar o comércio internacional e com isso aumentar as exportações. As exportações, no entanto esbarram nas defesas protecionistas, diretas ou indiretas, dos países industrializados. Daí a necessidade de uma revisão dos sistemas de comércio e finanças, como o FMI e o GATT. No caso do GATT, com maior liberalização do comércio quanto ao FMI, tornando-o mais eficiente na solução dos problemas de balanço de pagamentos.

A resposta de Williamsburg não trouxe consigo nenhuma medida de curto prazo, que não dependem apenas de decisões presidenciais, mas também de consultas aos respectivos legislativos. No caso dos Estados Unidos, por exemplo, há um certo impasse, segundo Carlos Mussi, entre Reagan e o Congresso. O aumento das cotas do FMI ainda não foi aprovado. O que se tem feito é uma política de ajuda de curtíssimo prazo para atenuar os problemas de caixa, através dos bancos centrais dos países credores. Na questão protecionismo pouco foi determinado embora os chefes de Estado tenham concordado na redução de tarifas e outras proteções diretas, sem analisar os mecanismos indiretos tais como as cotas e os níveis de qualidade.

Williamsburg foi mais uma reunião de troca de notas entre os países industrializados. A verdadeira decisão, para Carlos Mussi, ocorrerá com a atuação dos países da reunião nos diversos organismos internacionais. Mesmo assim ficou patente o reconhecimento e a necessidade de se evitar o colapso do sistema financeiro. (Humberto Martins)



Henfil / Fradim de Natal / N. 4, Nov./Dez 1973, p. 22

Nordeste: rico primo pobre da nossa economia

O grande paradoxo nordestino consiste no fato de sua economia de exportação ser a segunda do país, de sua agricultura ser a mais produtiva, enquanto detém os maiores índices de desemprego e de crises sociais

provocados pela inclemência das secas. Verdade é que os problemas do Nordeste não são insolúveis. O potencial da região é imenso, faltando para o seu desenvolvimento pleno apenas a coragem política dos governantes.

PDS: Problema é seca

Como se estivesse ditando e mostrando preocupação com suas declarações, o deputado do PDS/PB, Ernani Satyro, em entrevista apressadíssima, deu sua visão do problema econômico do Nordeste. Virando-se na cadeira e fitando constantemente o vazio, o deputado, em tom discursivo e tradicional, falou de seu assunto preferido: o problema da seca.

«A seca é o maior problema do Nordeste», afirmou. «O Governo tem se empenhado no aproveitamento dos recursos hídricos da região». Para o deputado, não se resolverá o problema apenas com a construção de grandes açudes. A pequena e média açudagem não podem ser deixadas de lado. Ele não acredita que os grandes açudes beneficiem somente os proprietários das terras às suas margens e citou exemplos de açudes como Sumé e São Gonçalo, na Paraíba, onde as obras de irrigação são aproveitadas dentro de um critério de visão social, de acordo com a distribuição das terras a sua volta.

De acordo com Ernani Satyro, não é porque o PDS ganhou as eleições em quase todo o Nordeste que os problemas serão todos solucionados. «Não se trata deste ou daquele partido, qualquer outro que ganhasse, teria que enfrentar os mesmos problemas». Apesar das características próprias do problema nordestino, ele é parte dos demais problemas do país. «Foi até bom que a Oposição ganhasse

se em alguns estados», afirmou o parlamentar, «pois só assim eles poderão fazer alguma coisa ao invés de só falarem, e na certa se defrontarão com as limitações que existem em fazer».

Ernani Satyro informou que cogita-se nos meios parlamentares, da restauração de um projeto que pretende destinar 3% da arrecadação global da União para o Nordeste. Medidas desta natureza, segundo o deputado, são de grande importância, pois visam acabar com a discriminação sofrida pela região e com a imagem de «então de mau padrasto» que o Nordeste possui.

O deputado, que já vem de outro mandato parlamentar, empenha-se desde aquela legislatura no problema da seca, defendendo a política do Governo na região e apoiando as medidas do ministro Mário Andreazza. Ele deixou transparecer que há uma impossibilidade prática para que se faça mais em benefício do Nordeste, dadas as próprias limitações impostas pelos próprios problemas e pelas condições políticas e econômicas que o país enfrenta.

A entrevista foi finalizada na rampa rolante que dá acesso ao plenário para quem vem do Anexo IV da Câmara, em um papo descontraído onde o deputado peddista demonstrava sua preocupação com a ideia que se tem de seu partido. (Paulenir Constâncio)

Uma questão de prioridade

Num clima de prova, aplicada aos alunos de Economia Regional, o professor Manuel Formiga, falando baixo e concentrado muito mais em controlar os olhares ansiosos em busca de «cola», revelou-se um nordestino aparentemente não muito preocupado, pelo menos na oratória, com os problemas de sua região. Com críticas bem comportadas e justificando o descuido com o Nordeste como uma questão de prioridade, o professor, que também é funcionário do CNPq — órgão da SEPLAN — discorreu sobre os motivos que levaram a região nordestina ao marasmo econômico em que se encontra hoje.

Segundo Formiga, a decadência econômica do Nordeste está intimamente ligada a fatores históricos, econômicos e políticos, tendo este último maior predominância. No século passado, a região nordestina desfrutava de um lugar de destaque na economia brasileira. A Bahia já comportou a capital do Brasil e o Recife foi um grande centro econômico, conforme lembra o professor. Infelizmente, a combinação bem-sucedida agricultura-indústria no Centro-Sul, uma série de atropelos econômicos, como também a persistente depredação da natureza por parte da utilização da agricultura tradicional — que torna mais frequente o surgimento das secas, — contribuíram para um desfecho insatisfatório da economia nordestina, desabafa o professor Formiga entre uma olhada e outra para seus alunos.

De acordo com ele, existem três explicações para o descaso do Governo Federal com o Nordeste. A primeira delas é que os problemas nacionais englobam totalmente os problemas regionais, deixando estes em último plano. A segunda diz que pelo fato dos centros de decisão e dos meios de comunicação influentes estarem distantes e não darem devida importância à região, a situação permanece a mesma. A terceira, e última, denuncia a falta de poder da classe política nordestina em conseguir respostas para suas reivindicações.

Formiga acredita que se a Sudene tivesse continuado com uma política determinada e com prioridade de Governo, talvez a situação de miséria dos nordestinos não se intensificasse, mas seria menos grave do que é hoje. O professor defende uma centralização política para que se obtenha autonomia e se estabeleça medidas eficazes.

Enquanto o professor abre o envelope para que os alunos possam colocar suas provas, ele fala sobre a questão da política tributária, afirmando que a sua atual legislação beneficia apenas os grandes produtores e acusa a política tributária como um dos maiores fatores de desequilíbrio da região. (Luiza Modesto)

Os paradoxos de uma região

Quem hoje se dispõe a analisar o quadro geral da economia nordestina confronta-se, em determinado estágio de avaliação, com um paradoxo que fulmina, já há algumas décadas, toda a estrutura econômica dessa região: apesar do Nordeste ainda ser a segunda economia de exportação do país e a mais produtiva na agricultura, é, no reverso da medalha, a detentora do maior índice de desemprego e de crises sociais ocasionadas, em sua maior parte, pelos efeitos drásticos da seca que se prolonga pelo seu quinto ano.

Segundo dados da Sudene, a base da economia nordestina encontra-se na agricultura que mesmo sofrendo os impactos de safras bastante modestas para o potencial de terras agricultáveis (15 milhões de terras agricultáveis) contribui com boa parte dos 15 bilhão de dólares da balança comercial nacional. E mesmo contanto com um setor industrial desaquecido devido às várias contenções de investimentos praticadas pelo governo desde a crise de energia de 1973, 12% do PIB saem das indústrias de transformação e manufaturas.

A resposta para o paradoxo econômico do Nordeste vem, em parte, das raízes da história econômica da região, que em seu processo de desenvolvimento amoldaram boa parte da estrutura existente. E por outro lado, dos clamorosos erros da administração federal, que somente após quatro anos e dois meses da posse de seu último presidente despertou para a necessidade de se investir na região. Por erros de administração compreendase o não aproveitamento dos recursos do solo nordestino, que não chega a ser pobre como se propala normalmente, a não construção de maior número de açudes ao longo de todo o sertão, para compensar o severo regime

climático da seca, e finalmente a não aplicação de capital para a criação de empregos, indústrias, escolas e hospitais. Nesse particular, o capital investido perdeu-se na Transamazônica, na Ferrovia do Aço, nas oito usinas nucleares previstas para até 1990 e em toda sorte de projetos ineficazes.

No plano de sua evolução histórica, entretanto, a região Nordeste conheceu a forte economia do açúcar e a vasta economia de criação (a pecuária). A economia açucareira prevaleceu durante os séculos XVII e XVIII, porém entrou em longo processo de decadência quando o ouro ocupou, no mercado das grandes metrópoles, o monopólio das grandes demandas. A única saída encontrada na região diante de tamanha contração na demanda da economia açucareira foi a implantação gradativa da pecuária extensiva, que era muito mais um setor de subsistência do que uma saída viável para a estrutura econômica nordestina.

Desde a queda da economia açucareira até o começo do séc. XIX a economia nordestina sofreu um lento processo de atrofamento, pois sua renda per capita declinara secularmente em função de somente desenvolver-se uma economia de subsistência.

Portanto os problemas econômicos do nordeste se originam em raízes históricas e atuais. Se as raízes históricas não oferecerem nenhuma possibilidade de mudança na ordem dos fatos, pois são fatos passados, os atuais correm sério risco de um dia voltarem-se contra os seus próprios plantadores, pois as promessas que eles fazem para a revitalização econômica do Nordeste está apoiada fundamentalmente nos 36% dos votos que essa região representa para o colégio eleitoral em 1985. (Marcelo G. Vieira)

DIÁLOGO

Brasília também sabe fazer TV

Cristina Gutemberg

Eles, ao lado do Brasília Urgente, da TV Brasília, são os únicos programas dedicados exclusivamente à comunidade de Brasília. Sob o Céu de Brasília é semanal, vai ao ar todos os domingos às 22h30min, pela TV Nacional. Cidade Aberta é exibido diariamente, a partir das 20 horas, pela TV Capital.

Produzido pela cineasta Tânia Quaresma, que dirigiu e filmou o premiado Nordeste: Cordel, Repente e Canção, o programa Sob o Céu de Brasília, exige uma carga horária de trabalho de cerca de 16 horas diárias, é uma produção independente, mal paga, que utiliza-se do equipamento técnico cedido pela Radiobrás.

A série nasceu de um bate-papo, onde Tânia reuniu 15 profundos conhecedores da cultura de Brasília. A partir dos temas sugeridos montou-se o esquema do programa constituído de uma pré-avertura e dois a três blocos de entrevistas feitas em externas. E, é, principalmente, nos ensaios visuais e musicais da abertura que residem as grandes e originais investidas, com muita sutileza e espírito crítico.

Até o momento, livre de censura, Sob o Céu de Brasília, atinge um raio de 18 mil telespectadores, o que significa uma fatia de 5% do IBOPE, mostrando que vanguardismo também pode virar sucesso.

Enquanto esses dois meses no ar mostraram um programa bem equilibrado e criativo, um ano parece não ter sido ainda suficiente para que "Cidade Aberta" se considerasse estruturado. Nesse período ela já sofreu diversas alterações, marcadas principalmente pela inconstância de apresentações.

Editado pelo obscuro José Duílio, o programa, inteiramente produzido em estúdio, consiste de entrevistas gravadas ao vivo sobre assuntos que sejam de interesse da coletividade, intercalados por VTs musicais — muitos dos quais estrangeiros — que inserem um clima fora do esquema do programa para torná-lo menos monótono. O tom formal de "Cidade Aberta", torna-se ainda mais frio diante da figura nada a vontade do entrevistador José Carlos Pacheco.

O programa da TV Capital restringe-se a fazer meros registros. Não tem analistas nem críticos. As entrevistas, excessivamente longas, tornam-se cansativas, fazendo, por vezes, que um bom material tenha seu interesse dispersado diante de tantos parênteses.

As condições de produção dos dois também diferem: enquanto Tânia disputa com unhas e dentes uma das seis câmeras da TV Nacional, José Duílio tem duas à sua disposição e, nem assim consegue obter um resultado satisfatório. Talvez, por ser um programa ao vivo, ao contrário do outro que é editado.

Outros pontos ainda podem ser questionados, como o da figura do entrevistador. Em Sob o Céu de Brasília as entrevistas são intercaladas com a obra do entrevistado e, o entrevistador é uma presença praticamente anônima; No Capital Aberta, a entrevista restringe-se ao que se faz no estúdio e o entrevistador ganha um papel de suma importância, valorizando demasiado a figura do jornalista em detrimento ao assunto.

Assim, uma produção independente com proposta alternativa e reais condições técnicas suplanta uma produção própria, tradicional, com recursos. O que revela que recurso não é tudo. O que vale é uma boa idéia e a coragem de ousar.

Teatro Alternativo Via Satélites

A queixa mais ouvida nos meios teatrais em Brasília, é a falta de apoio oficial para esta classe. Como que para confirmar esta tese, o INACEN (Instituto Nacional de Artes Cênicas) está promovendo um projeto que traz para Brasília nos fins de semana, peças de sucesso no Rio e São Paulo para curtas temporadas, sempre com grande sucesso de público. Joaquim Saraiva — cineasta e autor de diversas peças no Distrito Federal — diz que não é particularmente contra o projeto, mas se preocupa com a qualidade das peças trazidas: «Muita gente é contra», diz ele, «mas nós temos uma posição no sentido que venha para cá só trabalhos que realmente signifiquem coisas boas para a cultura brasileira. E a restrição que fazemos», ressalta.

INACEN

O Inacen foi criado em 1965, a partir de uma idéia do Orlando Miranda — seu atual diretor — de tentar juntar as diversas entidades artísticas existentes desde 1937, numa só figura jurídica. Atualmente este órgão, subordinado ao MEC, tem por finalidade a manutenção de teatros e auditórios estatais, financiamento de peças e produções, manutenção de cursos especializados em artes cênicas e o intercâmbio de peças entre os estados.

Apesar da sede nacional ser aqui, em termos de Distrito Federal, o INACEN está desativado, pois até mesmo o intercâmbio de grupos e peças de teatro com outros estados, é feita diretamente com a Fundação Cultural. Além do intercâmbio que não é feito, a parte de financiamento de produções está se reduzindo a cada ano, devido a crise financeira e a verba, cada vez menor que o órgão recebe anualmente. Quanto à Fundação Cultural, é acusada de estar engajada com o poder central e que, «não tem interesse em patrocinar um certo tipo de trabalho aqui em Brasília porque incomoda. Eles têm uma imagem deturpada dos valores culturais», diz Saraiva, «além do que a maioria desses trabalhos, especialmente teatro e poesia, está muito preocupada com diversos aspectos da realidade cultural brasiliense, o que não interessaria inventar», acrescenta Saraiva.

CIDADES-SATÉLITES

O fato de não receber apoio por parte do governo não impede a multiplicação dos grupos de teatro no Distrito Federal, inclusive nas cidades-satélites. Um exemplo disso é Taguatinga: já que falta espaço oficial para suas apresentações, os grupos se apresentam onde podem, se utilizando das ruas, dos auditórios, das associações de moradores, ou de baixo de blocos residenciais e colégios.

Apesar disso resolver o problema das apresentações, não resolve o problema do público. Para Joaquim Saraiva, é preciso se criar o hábito de se frequentar teatro em Brasília. «Como não existem condições para que trabalhos sejam divulgados, nosso trabalho sofre essa falta de continuidade e, consequentemente, são vistos por uma pequena parcela da população», comenta Saraiva, «e essa falta de continuidade no processo é porque os locais que temos que nos apresentar são os mais diversos possíveis, não permitindo o hábito de se ir a um determinado local, nem muito menos quanto o horário das apresentações».

Uma nova esperança surgiu com a I Semana de Arte de Taguatinga, que contou com a participação de artistas de todas as áreas dessa cidade-satélite. Nessa semana foram lançadas as bases de uma Associação de Arte e Cultura de Taguatinga, entidade para representar os artistas locais, que já está em fase final de formação. Ela já está com estatutos prontos, e vai ser aberta aos artistas de todo o Distrito Federal. Quem estiver interessado em participar dessa associação é só se dirigir para sua sede provisória no CNA 2 Bloco 3 sala 112, altos do Romano's na praça do DI, em Taguatinga, para fazer sua inscrição. (Maria Luisa)

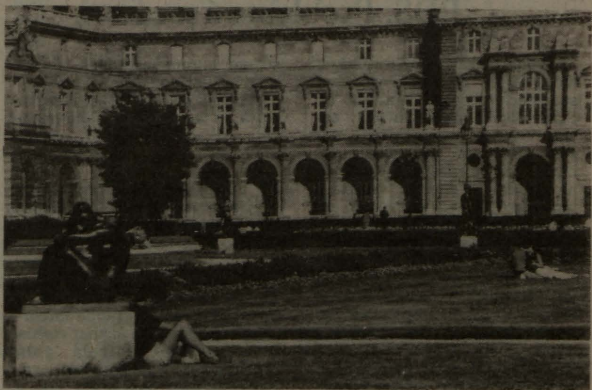
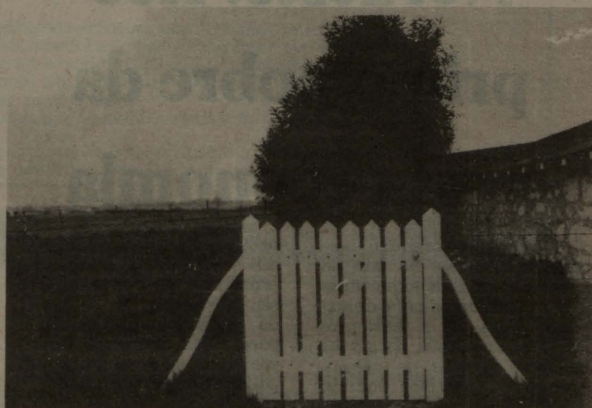


Foto: Luiza Venturini

Um Pedaco do Velho Mundo na Biblioteca Central

Entre 1979 e 1981 Luiza Venturini está vivendo na Europa. Ela fotografa países como a Bélgica, Alemanha, França, Grécia e Tchecoslováquia. Em junho de 1981 André Dusek viaja pela Europa e Oriente Médio e, fugindo do dia-a-dia do trabalho jornalístico, colhe suas impressões visuais através de sua câmera fotográfica. Quando os dois fotografos chegam ao Brasil, constata-se uma visão muito semelhante em ambos os trabalhos sobre o Velho Mundo.

A partir desse momento resolvem fazer uma exposição fotográfica, que estará aberta ao público de 20 a 25 de junho. Inicialmente a exposição FOTO-GRAFIAS ficaria na Biblioteca

Central da UnB até dia 30 de junho. Entretanto, como diz Luiza Venturini, na última hora a reitoria disse que precisaria do espaço. «Nós já havíamos reservado a Biblioteca a cerca de dois meses atrás. Devia haver uma interação maior entre Reitoria x Departamentos para evitar esse tipo de situação».

As fotos são em preto e branco, no tamanho de 24 x 30 e devem ser vistas como uma interpretação cultural. Um processo á que, apesar das relações e experiências individuais a que nos submetemos diariamente, desperta nas pessoas uma espécie de visão coletiva de mundo. (Idelson Alan)

Vida e morte dos operários da construção



A displicência também ocorre, mas nem sempre a falha é do trabalhador

A vítima
é sempre
"culpada"

A socióloga Aldary Barty, com um grupo de estudantes do Departamento de Ciências Sociais, foi conhecer os trabalhadores nos cantos de obra. Esses contatos nos mostraram a necessidade de se ampliar o enfoque da estrutura de relações internas no canti-
eiro. Na reformulação do projeto o acidente aparece apenas como um item de uma ampla pesquisa que começa na estrutura interna do canti-
eiro e vai até as invasões, que são a lar do operador. Este caminho de volta vai dar muitas vezes no "canto rural" e na ideologia destes

tipo de trabalho que resulta em grandes títulos ou livros de grande conteúdo teórico. Seu objetivo específico é realimentar o processo acadêmico quando se compreende que ensinar não é transmitir conhecimento adquirido, mas re-fletir questões que a sociedade coloca. Essa forma de trabalho talvez seja a mais desvalorizada dentro da universidade", afirma Alayr.

Sheila Perru

Aproposição inicial à pesquisa foi o confronto entre o discurso oficial, opinão das empresas, e o discurso do trabalhador. Sabia-se de antemão que o oficialismo em tudo pelas fontes oficiais como opinional culpado dos acidentes pelo seu relaxamento e indisciplina e ele mesmo reconheceu isso, muitas vezes até como realidade: "...sou um cara salado, não o culpado..." ou "...tinha acidente mesmo..."., foram depoimentos colhidos pela equipe.

O servente era o mais sacrificado «pau pra toda obra», como se diz, embora os demais não vivessem em nenhum mar de rosas. Muitos deles usavam família trabalhava e moravam nos alojamentos e logo se despatavam. «Um praça melhorá devia, mas aqui tá duro de viver», reconheceu outro migrante entrevistado e registrado pela pesquisadora em seu relatório final. Realmente, como disse Aldair Barthy, as moradias

Assim — acrescenta Aldar Parthy — num primeiro estágio da pesquisa encontramos a realidade dos centros levando os padrões mais genéricos de dignidade humana, social, política, econômica, física e espiritual e capacidade de trabalho do operário. Num estágio seguinte, tendo tivemos o momento mais importante. Com o retorno de seu próprio discurso o trabalhador passou a repensar dados que ele mesmo forneceu e já não aceitava com tanta facilidade uma culpa que não lhe cabia. Reconhecia a omissão da fiscalização e lhe atribua a responsabilidade maior. A pesquisa foi concluída em 1979. Logo se sempre, corrigindo a professora o despendimento de tempo e de que finalmente os estudos até o fim com esforços próprios.

A migração para as cidades, principalmente de nordestinos, é um aspecto curioso, diz a professora Barthy. «Como entendê-la se a realidade dos cantores é tão impensável em termos de sobrevivência? Só mesmo convivendo com outro lado, o rural, como fizemos eu e minha equipe, é que se pode constatar que ele é mais impensável ainda.

Os migrantes das localidades do seu estado de origem, onde praticam a economia de subsistência em latifúndios próprios ou não, vivem em extrema miséria. Nos centros urbanos pelo menos 70% mantêm ganhar um meio-bimboio a mais e retornar esperando que as chuvas os façam esquecer a construção civil. Mas a seca mata todas as esperanças e eles voltam às cidades grandes, formando um círculo vicioso de idas e voltas constantes, mas difícil luta pela sobrevivência. (Luís Roberto Nader)

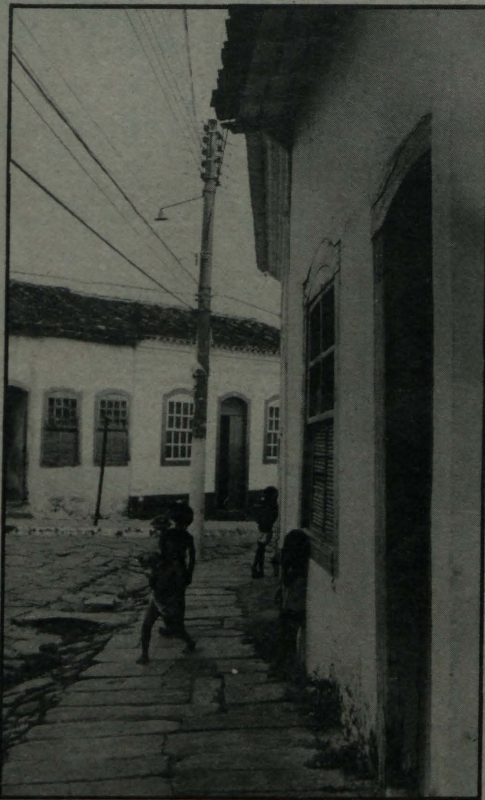
Um esquema militar

A figura do "encarregado"

obedece a esse padrão. Só o contato que mantêm com a administração da obra o torna privilegiado: chega a suprimir horas de serviço dos companheiros para agendar o patão, embora não ganhe nada com isso. Há outras coisas, como, é claro, o elemento que se tornou "operatório" não ficando na obra, mas se deslocando para lá de fora, para o trabalho de obras, o "toldo" poderoso, do cantilina nem o gerente contrata: uma decisão sua. Entre conselhos, há quem surjam nos cantilões: existe a magia que o servente sofre por não ter profissão, e o clima que o profissional tem da sua técnica e não a mesma a ninguém.

GOIÁS VELHO

Rodrigo Mesquita



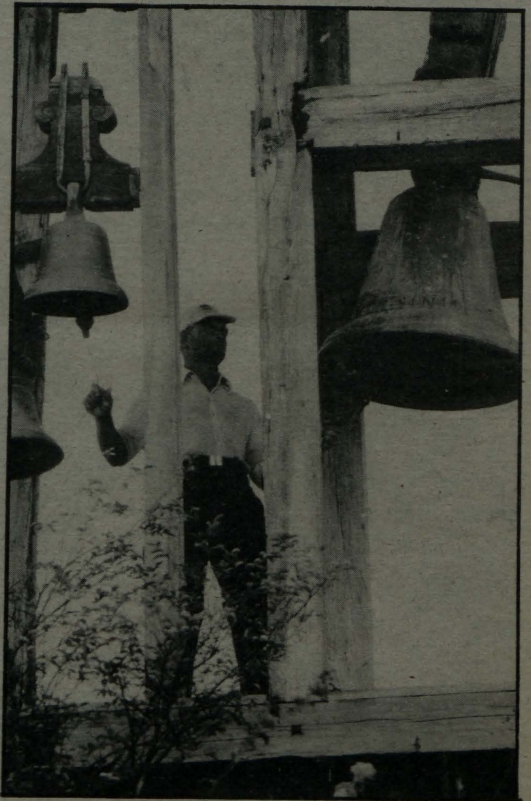
Rodrigo Mesquita



Ieda Prestes



Sandra Tibana



Indo em busca do local onde estivera seu pai, Bartolomeu Bueno da Silva, o filho, chega no ano de 1721 à Capitania de Goiás. E no lugar, entre outros arraiais funda o de Santana. Margeado pelo Rio Vermelho, na época disputado pela grande quantidade de ouro que guardava em seu leito e cercado por serras povoadas de onças, o Arraial de Santana teria seu destino definido por uma Carta

Régia de 11 de fevereiro de 1739:

"... e se designe o lugar para se edificarem a Casa de Câmara e das Audiências e Cadeya e mais obras públicas que todas devem ficar em área determinada e as casas dos moradores, as quais pelo exterior sejam todas do mesmo perfil, ainda no interior fará cada um dos moradores à sua eleição, de sorte que em todo tempo se conserve a mesma formosura..."

Transformada em Vila Boa de Goiás — Capital da Província — a cidade acompanharia o ciclo do ouro, que já no início do século XIX daria sinais de esgotamento. Longe demais do litoral, dificultando a exportação e com deficiências no cultivo da terra, Goiás Velho, como é chamada hoje, entra em decadência.

Em 1937 a capital do estado é transferida para Goiânia. Não há ouro mais no rio, como não há mais onças nas serras. As

casas, igrejas, pontes e praças vão desmoronando ao sabor do tempo. Mas surge o contraponto. A própria população, de início insatisfeita com a mudança da capital, redescobre Goiás Velho. É o que diz D. Antolinda, da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, moradora da cidade. "Aprendi a gostar dessas coisas com o Bispo. E viemos sentindo que se não tomássemos frente na conservação não iria sobrar nada".

Agora, a cidade está tombada como patrimônio nacional e o povo consciente de que não deve entregar suas peças barrocas a troco de outras "novas" oferecidas pelos colecionadores de antiguidades. E, pouco a pouco, a cidade vai assumindo sua verdadeira forma e identidade, podendo cumprir o texto original da carta régia "de sorte que em todo tempo se conserve a mesma formosura". (Idelson Alan)